

Os Princípios do Paganismo

É verdade que não possuímos nenhum livro da Revelação, ditado por algum/a Deus/Deusa, e por isso não possuímos o dogma, contudo, ao afirmar-se que não possuímos dogmas não quer dizer que não tenhamos, preceitos e éticas. Estas existem, só que a fonte da sua revelação ou emanação, encontra-se no mundo natural no qual a humanidade se insere.

Ao colocarmos a sacralidade na Natureza, e ao acreditamos que Ela é a manifestação do Divino, que transmite vida e lhe dá unidade, expressa pela "inteligência", e equidade das "leis" que regem a enorme Diversidade existente na Magna Natureza, de forma a que estas se ajustem e equilibrem, permitindo assim a continuidade da Criação. Assim como os preceitos e éticas presentes nas nossas Mitologias. E sobre o real significado dos nossos mitos ou seja a sua validade antropológica, Julio Caro Baroja e Mircea Eliade, dizem o seguinte: por ordem.

" Em todo o sistema religioso existe uma estreita união entre o que diz respeito ao mito, o que se refere à razão, o que se refere à moral ou o que respeita a regras sociais que regulam a afectividade humana" (1)

" Qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre um precedente e um exemplo, não só em relação às acções -«sagradas» ou «profanas» - do homem, mas também em relação à sua própria condição. Ou melhor: um precedente para os modos do real no geral." (2)

Nessas Mitografias politeístas, para além de se narrar sobre as gestas dos seres Divinos, e dos Heróis, também poderemos ler as narrativas sobre Cosmogonia , e antropogenia, as quais nas suas diferenças, refletem simplesmente a diversidade etnogeográfica existente na Natureza das regiões, mas por detrás destas diferenças, e por debaixo das suas roupagens, apresentam, no seu espírito uma unidade conceptual, que se exprime numa passagem do Caos ao Cosmos, simbolicamente como uma criação que emerge de um Potencial Indefinido, de um não ser pleno de ser emerso em Águas primordiais, Caos ou Abismo Estático, que se manifesta num dualismo complementar, e que se vai realizando em etapas criadoras entre as quais a dos Deuses, a da terra e a da Humanidade. Em que o homem e a mulher são criados em igualdade de circunstâncias por isso iguais perante o Divino, como poderemos facilmente constatar ao consultar uma das mitologia Politeísta, que mais influenciaram, a cultura europeia seja: a Egípcia, Suméria, Grega ou Nórdica.

Por isso concebemos a Criação, como um fruto resultante da interação de Duas "Forças" Criadoras, contrárias e complementares, que emergem das águas primordiais, ou de um Caos pleno de potencialidades, e cuja a interação entre contrários dá origem as sucessivas fases da Criação, num dualismo profícuo, nas quais o Divino se vai manifestando através de Potencias Criadoras, Potestades, Deuses/Deusas, e Divindades menores, numa recriação periódica até ao final das Eras ... Esta é a razão pela qual acreditamos que a Criação é Dinâmica e Cíclica. Una em si mesma, mas Diversa na manifestação.

Em consonância com esta noção basilar, da Criação, e em analogia com os fundamentos da nossa sacralidade, afirmamos de que o Politeísmo é uma Religião "Una na Diversidade" ou seja, Una nos seus Princípios, mas como a Magna Natureza, diversa nos seus Mitos, Práticas e Ritos, os quais refletem em si mesmo a diversidade Nela manifestada pelo Divino.

Esta unidade na diversidade, faz com que as diferenças de nomes e de

roupagens, possam coexistir pacificamente, sob a égide dos mesmos princípios religiosos básicos, assentes na Sacralidade da Natureza e na multiplicidade do Divino. Revelando-nos essa pluralidade de cultos somente os vários caminhos e formas de nos religamos ao Divino, que tudo contem, no espaço e no tempo.

Esta noção de uma Natureza Sacral e Divina una e diversa de si mesma é nos confirmada por estudiosos como Mircea Eliade que nos apresenta inúmeros exemplos, ao longo da sua obra *Tratado de Historia das Religiões*, da qual destaco estas citações:

"A primeira valorização religiosa da Terra foi «indistinta», que dizer que ela não localizava o sagrado na camada telúrica propriamente dita, mas que confundia numa única unidade todas as hierofanias que se tinham realizado no meio cósmico envolvente – terra, pedras, árvores, águas, sombras, etc. A intuição primária da Terra como «forma» religiosa pode ser reduzida á fórmula: «cosmos-receptáculos das forças sagradas difusas».(3)

"Gaia ou Gê gozou de um culto muito espalhdo na Grécia, mas com o tempo foi substituída por outras divindades da Terra."(4)

"... O certo é que o indiano Dyaus, o itálico Júpiter, o heleno Zeus, assim como o deus germânico Tyr-Ziu, são formas históricas, evoluídas, dessa divindade celeste primordial".(5)

" O par divino Céu-Terra que Hesíodo tinha evocado, é um dos motivos de fundo da mitologia universal" (6)

Como podemos confirmar este par primordial, que em si simboliza a união dos contrários, encontra-se presente em todas as mitologias pagãs, e das quais podemos extrair alguns nomes, desse par primordial : Fryg e Othin, ou Nut e Geb, ou Uranus e Gaia, são alguns desses exemplos.

"O par Divino Céu-Terra" exprime de forma Simbólica a crença primordial, da complementaridade dos contrários ou dualismo profícuo, corporizados a nível humano pelo Grande Deus do Céu e a Grande Deusa da Terra (Deus, Deusa) no Paganismo, que a par da Sacralidade da Natureza são os 2 pilares basilares sobre os quais se vêm construindo as crenças, práticas e costumes pagãos, ao longo dos milénios.

Apesar das inúmeras diferenças culturais e das alterações das práticas e "doutrinas" pagãs manifestas ao longo dos tempos, todas as crenças e cultos politeístas, convergem e unem-se superiormente nestes princípios, o da **Sacralidade da Natureza**; sendo os seus ciclos a principal referencia para o calendário religioso politeísta. Assim como no entendimento de que os **contrários fazem parte do mesmo Divino**, manifesto este na simbologia do "**Casal Divino**" muito patente nas nossas Mitologias.

Por isso podemos afirmar que estes **são dois princípios básicos e perenes, que iluminam o Paganismo**, desde os seus primórdios até aos dias de hoje, constituindo assim um elemento de "regularidade", ou seja a constante identitária de de qualquer religião, e que permanece inalterável, o lhe permite afirmar a perenidade da sua identidade, através dos tempos. Mesmo que as praticas, costumes e "roupagem" da mesma, se vão alterando através das épocas, e a vão diferenciando, aos olhos do leigo, em relação aos seus primórdios. Esta "regularidade" identitária de uma religião é a florada por Karl-Heinz Ohlig no seu livro "Religião, Tudo o que é preciso saber". Que passo a citar.

"Não é possível descobrir o que a «religião» é ou poder ser partindo do fim, isto é, das religiões mundiais. A identidade da religião, tal como as regularidades existentes na continuidade e na mudança, descobrem-se precisamente a partir das formas primitivas da religião e dos processos de transformação pelos quais estas passaram ao longo da história da cultura. "(7)

Como podemos depreender, para Karl-Heinz Ohlig, o que confere identidade a uma religião não são as suas doutrinas, praticas ou costumes, já que estas na opinião do académico se vão diferenciando tornando-se muitas vezes irreconhecíveis entre si com o tempo, mas sim o que permanece subjacente e inalterável em qualquer religião ao longo dos tempos, a que ele chama de "regularidades", e que se podem traduzir como os princípios primordiais que "iluminam" e se mantêm perenes ao longo de toda a existência dessa mesma crença espiritual. Para este estudioso estas regularidades assumem uma importância crucial, já que nelas se oculta a razão e o fundamento de toda e qualquer religião, ou seja os princípios originais nos quais residem a causa primeira, ou seja a motivação da sua existência e da sua acção, funcionando assim como um marcador genético revelador da sua identidade, apesar das múltiplas transformações doutrinárias e culturais manifestadas ao longo dos séculos, as quais muitas das vezes resultantes de sincretismos alheios, ao seu ADN religioso.

Sem estas "regularidades", nas quais radicam a motivação e a razão da sua existência, a identidade de uma religião, diluir-se-ia e desapareceria nas suas transformações, já que não teria nenhum elemento igualitário que permanece-se perene e que por comparação permitisse afirmar, em última instância, que a identidade religiosa permanecia a mesma, apesar de todas as mudanças ocorridas na sua imagem ou seja nas suas doutrinas e praticas, ao longo dos milénios. Sendo também o elemento, que consubstancia a diferença entre uma religião milenar e uma colecção de crenças religiosas ou espirituais, resultante de sincretismos "individuais", cujo o objectivo ou finalidade ultima, é a satisfação pessoal nunca indo para além do grupo, como nos explica este especialistas em história das religiões no mesmo livro. Passo a citar.

" Existe actualmente, na situação pós-moderna » em que vivemos, um interesse religioso acentuado, bastante orientado para necessidades individuais, que nem sempre podem ser satisfeitas pelas religiões mundiais tradicionais, como é óbvio. ... O resultado é uma religião privada que os indivíduos constroem para si próprios a partir de elementos provenientes das mais variadas origens." (8)

Assim tendo em conta os estudos antropológicos e a história dos acontecimentos, aqui expostos, sustentados com parcimónia por alguns pequenos trechos de estudiosos, com trabalho reconhecido pelos seus pares, de maneira a que este manifesto não se resumisse a um extensivo rol de afirmações diletantes e infundadas, sobre o Politeísmo.

Assim assente nas conclusões sobre o que é, e o que não é religião, ou seja o que difere uma religião de uma pratica espiritual ou espiritualidade, deste iminente teólogo, e os estudos antropológicos de Julio Caro Baroja e de Mircea Eliade, pode-se afirmar que o Politeísmo é uma religião, com identidade própria, que a torna realmente diferente da fé monoteísta, quer na visão que possui sobre a Sacralidade assim como na motivação que a assiste como crença religiosa. Por isso e ao abrigo da equidade, principio básico e essencial em qualquer democracia, à qual o paganismo agradece a liberdade de reunião e de culto, sem as quais o seu ressurgimento em meados do séc.XX, não seria possível . O Politeísmo deve ser tido, em termos constitucionais e institucionais, como um parceiro social e religioso, com os mesmos direitos e deveres, que a Igreja Católica e demais confissões religiosas, às quais o Estado advoga direitos institucionais, que vão muito para além da simples liberdade religiosa e de opinião.

Thorg da Lusitânia (S. Sacerdote Politeísta)
Cofundador da P.F.I.-Internacional e da Congregação Politeísta

Notas:

- (1) As Bruxas e o seu mundo de Julio Caro Baroja, Editorial veja, v8110158 (p.25)
- (2) - Mircea Eliade Tratado de Historia das Religiões, 3ª edição, leditora ASA, p. 515
- (3) Mircea Eliade Tratado de Historia das Religiões, 3ª edição, leditora ASA, p.309
- (4) Mircea Eliade Tratado de Historia das Religiões, 3ª edição, leditora ASA, capítulo II- pp 305
- (5) Mircea Eliade Tratado de Historia das Religiões, 3ª edição, leditora ASA, capítulo VII- pp 102
- (6) Mircea Eliade Tratado de Historia das Religiões, 3ª edição, leditora ASA, p. 306
- (7) Karl-Heinz Ohlig Religião, tudo o que precisa saber. Casa das Letras 2007, p.8
- (8) Karl-Heinz Ohlig Religião, tudo o que precisa saber. Casa das Letras 2007, p. p.10/11